

# Um Édipo invejoso?

## as “tetras da sapiência”

Marcia Simões Corrêa Neder Bacha

A inveja, personificada nos deuses proibidores do conhecimento, pode servir como defesa contra as fantasias envolvidas no ato de conhecer. O que assim se cria revela-se essencial nos processos de formação.

### Megera, invejosa e mal-amada

A educação é uma Megera invejosa, mal-amada como Medéia, mãe ogra e feiticeira assassina dos filhos: eis aí a metáfora que mais frequentemente o subsolo inconsciente das teorias psi sobre o infantil e as práticas da infância. Dentre as três *Fúrias* ou *Erínias*, divindades gregas vingadoras relacionadas com a agressividade e o ódio da mãe, Megera é a que inveja.

Rousseau começa seu *Emílio ou da Educação* observando que “a educação primeira é a que mais importa”, e ela “cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças”. Nossa educação começa ao mesmo tempo em que ela nos dá à luz, e por isso a palavra educação teve entre os antigos um “sentido diferente do que lhe damos hoje: significava alimento”. E como toda criança

passa “seis ou sete anos dessa maneira nas mãos das mulheres, vítimas dos caprichos delas e do seu próprio”<sup>1</sup>, ninguém precisa quebrar muito a cabeça para descobrir a quem se dirigem os ataques da sociedade à educação.

Esses ataques se manifestam, por exemplo, numa formação cada vez mais incapacitante para os profissionais da área, numa remuneração aviltante do seu trabalho – tanto menor quanto mais próximo do maternal – e na explicação científica e objetiva das dificuldades de aprendizagem como produzidas por ela – que se encarna na figura do professor, um continuador da sua obra (des-

**Marcia Simões Corrêa Neder Bacha** é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, coordenadora da linha de pesquisa *Psicanálise e Cultura* do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, autora de *Psicanálise e Educação. Laços Refeitos* (Casa do Psicólogo/UFMS) e *A arte de formar. O feminino, o infantil e o epistemológico* (Edusp). A autora agradece a Margarida Neder pelo auxílio na revisão deste texto.

trutiva, claro), que se apresenta sob o disfarce dos métodos de ensino e dos recursos didáticos e pedagógicos.

Re-encenando o julgamento de Orestes no qual o discurso da Raça, pelo voto de Atena, vem depor decisivamente a favor do matricida e do direito paterno, as teorias e práticas do infantil não costumam poupar a sedutora perversa. Sua racionalidade engajada e partidária não hesita em apontar o dedo para a castradora invejosa do pênis, quando se trata de encontrar um sentido para os sintomas do filho e para o afastamento do pai, inclusive daquele que, preferindo a condição filial, recusa a paternidade.

Tão feia e medonha é a Megera que não poucos preferem mantê-la a uma distância protetora, promovendo, por exemplo, um divórcio litigioso entre a Psicanálise e a Educação. Intimidados, quantos se atrevem a fazer o casal dialogar em termos mais amistosos? Muito embora

das mais ferinas polêmicas. Ainda assim, quantos são os encontros de psicanalistas e os programas de psicanálise que se abrem para o tema da educação? Estatística esquisita se nos lembrarmos que em 1932 (Conferência XXXIV) ela foi exaltada por Freud, o inventor da reciclagem, como uma das artes mais importantes da sua feiticeira.

O problema, para a educação, é que esta resistência que ela suscita é também muito intensa entre os próprios educadores. Tanto é assim que, há alguns séculos, eles resolveram enfrentá-la com a bandeira da Ciência, criando a Pedagogia (ou "ciência da educação") de modo a se colocarem sob a proteção paterna do deus Logos. A esse propósito, o projeto piagetiano foi exemplar, e não é nada casual o sucesso que alcançou. Para curar o professor do mal da desvalorização, Piaget prescreveu-lhe a identificação com o cientista, com o que pretendia mudar sua condição de mero repetidor para a de pesquisador.

para longe do solo filosófico originário de sua disciplina, aterrissaram no rés do chão da... filosofia positivista. Mas "a ciência" não é um desses ideais a que o mundo contemporâneo assiste despencar, provocando em alguns o lamento pelo "declínio da função paterna" que, mal se distinguindo dos apelos a uma autoridade, restringe a potência criadora de um pai?

Deveríamos então sair em busca de outra muleta onde escorar a educação? Ou quem sabe desembainhar a foice do pensamento, lutando para demonstrar que não é bem assim, que a educação tem lá seu lado positivo, mal necessário, nocividade inevitável?

O problema é que todas essas fortificações põem a nu as complicadas relações que, em nosso inconsciente, estabelecemos com o feminino. Em outros termos, a resistência à educação é a face exposta da repressão do feminino, situada por Freud no inconsciente de homens e mulheres. O que faz da análise desse imponente obstáculo o desafio maior de uma formação. Sem a qual os rigores do intelecto podem ser brandidos sobre a cabeça do ser em formação, como o chicote de Sade em suas vítimas, nessa forma ilustrada do autoritarismo pedagógico, que justifica os excessos ou a autoridade do formador pelo fim libertário de todo empreendimento da Razão.

## Entre Cila e Caribdes

No canto XII da sua *Odisséia*, Ulisses narra o momento em que, navegando ao longo do estreito guardado, de um lado pela pavorosa Cila, e do outro pela terrível Caribdes, aquela arrebatava seus companheiros e os devora lentamente à porta do seu antro. Levantados no ar e vítimas de terrível angústia, os homens gritam e debatem-se chamando por Ulisses, que diz ser este o espetáculo mais lancinante pre-

O problema, para a educação, é que a resistência que ela suscita é também muito intensa entre os próprios educadores. Tanto é assim que, há alguns séculos, eles resolveram enfrentá-la com a bandeira da Ciência, criando a Pedagogia.

uma formação seja inerente ao ser do analista, e a didática o posto máximo da hierarquia de suas instituições e, não por acaso, polarizador

A submissão a esse ideal deu um belo lustro no narcisismo dos mestres. Como outrora o fizera com os psicólogos que, tentando voar

senciado por seus olhos durante sua penosa peregrinação por sobre as águas do mar.

Tecendo “Algumas Reflexões sobre a Psicologia do Escolar” (1914), Freud disse que é difícil saber se o que teve uma importância maior em nossa formação foram as ciências ensinadas

conhecimentos e até mesmo ao que acontece na sala de aula, o que mais resta à psicanálise, em termos de educação, senão retirar-se para os consultórios à espera da criança com dificuldades?

Daí para uma certa convivência com o descaso pela formação dos professores não há mais que um

cer-se com os deuses, imortais, e com isso atrair sua vingança. Daí a conclusão: na perspectiva do inconsciente, conhecer seria uma transgressão. Por terem comido da árvore do conhecimento do Bem e do Mal, Adão e Eva foram expulsos do Paraíso.

A idealização do conhecimento como um bem divino interdito aos humanos faz da escola uma instituição destinada a oferecer o proibido, idolatrar o sagrado e transmitir o tabu. E para protegê-lo da apropriação indébita e aliviar a culpa pela transgressão, daria à sua transmissão a forma hermética e esotérica do ensinamento alquímico.

No entanto, a concepção do conhecimento como uma transgressão se detém diante do objeto proibido, que não por acaso é um objeto que se come. Saber é saborear desde a etimologia da palavra: a origem de saber é o latim *sapere*, que significa “ter gosto, sabor”, ensina Pasquale Cipro Neto em sua coluna da *Folha de São Paulo* de 15/02/2001.

Fincando na oralidade as suas raízes, o ato epistemológico convoca um feminino que, por seu poder de criar, ameaça como a bruxa. Sedutora perversa da situação originária, que nos introduz no prazer e na angústia de sugar e ser sugado, de devorar e ser devorado, de incorporar e ser incorporado, de destruir e ser destruído, de esvaziar e ser esvaziado.

Uma tal revelação da análise não deixa indenes figuras como as do professor, do pesquisador e, por que não, do psicanalista – que fazem da manipulação do intelecto o seu *métier*. Ao mergulhar, inteiro, o campo da educação no perigoso mar de Cilas e Caribdes, os dois monstros-fêmeas devoradores, Freud incita-nos a observar que a formação de um outro ser mobiliza em nós o desejo incestuoso, inseparável do horror do incesto.

Interpretadas nessa partitura do inconsciente, as últimas palavras de

A psicanálise da educação não avançou muito na trilha aberta pelo fundador: deteve-se na idéia de que o importante é a personalidade dos mestres.

ou a personalidade dos mestres, com quem nos relacionávamos de modo ambivalente.

Nesse ponto se deteve a psicanálise da educação, que não avançou muito na trilha aberta pelo fundador. Suas reflexões sobre a psicologia do escolar foram tomadas como um verdadeiro credo, ao qual só restaria aderir, ou aderir. A alternativa mencionada numa desprezível homenagem do ex-aluno ao colégio que comemorava cinquenta anos, tornar-se-ia a chave de toda intervenção psicanalítica na educação.

E com ela a idéia segundo a qual, da perspectiva psicanalítica, só o afetivo interviria na formação. Os conteúdos transmitidos não fariam parte do *kit* transferencial.

Ora, se a aprendizagem deve tão pouco ao professor, aos seus

passo. O que até poderia não constituir problema algum para a psicanálise se, de fato, fosse assim. Mas se o professor é, essencialmente, aquele que mama nas “tetras da sapiência” (Mefistófeles), e se o leite materno difunde-se “até as partes mais remotas da mente individual” (Trilling), não é só ao preço de uma mutilação arbitrária que poderíamos separar o professor do trabalho do seu intelecto?

De fato, o exercício intelectual é mais do que uma necessidade da vida infantil a que a escola viria satisfazer; a inteligência é mais do que a função adaptativa postulada por Piaget. Pensamos e ensinamos em função de um mais além da necessidade, que é o *prazer de pensar*. Assimilado pelos psicanalistas ao prazer de dominar e à onipotência divina: conhecer seria buscar pare-

Freud sobre a educação – e apesar do seu arranjo manifesto – evocam, no latente, uma angústia como a de Ulisses em sua passagem pelas duas terríficas criaturas. É neste sentido que lemos a advertência do criador da psicanálise: que o mestre tenha cuidado para não engolir os discípulos ou para não destruir sua individualidade e autonomia, exatamente porque esse é também um desejo *deles*. E, ainda, que atente para o *seu* próprio desejo de ser engolido e incorporado, porque esse desejo é inseparável da angústia de derreter no calor da fusão.

A feiticeira metapsicologia abre uma outra via de acesso à infância, identificada sempre como um Paraíso que a educação viria saquear. Ou então, tentando evitar o saque, ela se destrói na permissividade e na indiferença característicos da educação moderna em sua tentativa de realizar o ideal da “criança autônoma”.

Deslocando a ênfase do proibido para o fruto na relação que homens e mulheres estabelecem com o saber, venho tentando avançar por essa zona escura, verdadeira encruzilhada que liga o epistemológico ou intelectual, o feminino e o infantil. Tarefa hercúlea, posto que vai na contra-mão de uma tradição que se habituou a olhar para a educação da perspectiva exclusiva de uma Criança idealizada. Não por acaso a bibliografia psi, tão farta na descrição da infância, é bastante frugal nas referências identificatórias do professor.

### Prescrição via oral

“Quem sabe sabe, conhece bem...”, diz a velha canção. Que o conhecimento seja um fruto, eis algo que a humanidade sempre repetiu, ao prescrevê-lo via oral desde a Criação.

Alberto Manguel, que escreveu *Uma história da leitura*, data de 593 a.C. o primeiro registro do empre-

go desta metáfora, quando o Senhor aparece numa visão de Ezequiel ordenando-lhe que comesse um manuscrito coberto com “cânticos de tristeza, de queixumes e de gemidos”. Essa mesma revelação teria sido recebida por um São João atormentado pela voz de trovão do anjo descendo dos céus com um livro aberto, e ordenando-lhe que o devorasse. Do mesmo modo, a sociedade judaica medieval celebrava a iniciação do menino na leitura com um ritual em que ele deveria lamber as palavras sagradas escritas com mel na lousa.

Foi também pela boca que São João Crisóstomo finalmente aprendeu. Criança e mau aluno, ele rezava ao pé da Virgem que lhe disse: “João, vem beijar meus lábios e serás cumulado de saber”. Depois de hesitar, o menino beijou Nossa Senhora e esse único beijo encheu-o de imensa sabedoria.<sup>2</sup>

É ainda em linguagem oral que o enigma se apresenta a Édipo: de-

posta autopunição do herói que se cega confirmaria a tese do caráter sagrado e transgressor da empresa intelectual.

Ora, como mostra essa análise de Mezan, Édipo foi sim ao inferno. Não porque tenha buscado o conhecimento: ao contrário, sua tragédia é a de alguém que *não* quer se conhecer e só aparentemente está em busca de saber quem é. Os esforços de teorização do “rei sábio e amante da verdade”, diz o autor, não passam de tentativas de criar contraprovas para sua identidade, contraprovas capazes de demonstrar que ele não é quem ele sabe que é: ao invés de filho de Laios e de Jocasta, sua teorização identifica-o com o “servidor do deus Logos”. Frente à insuportável angústia de não saber, Édipo atropela sua singularidade teorizando sobre o universal. “Em suma, Édipo forja uma teoria e se apega a ela, ainda que seja terrível, porque para ele qualquer teoria é preferível à inse-

A “feiticeira Metapsicologia” abre uma outra via de acesso à infância, identificada sempre como um paraíso que a educação viria saquear.

cifra-me ou te devoro, diz a Esfinge devoradora que povoa nosso imaginário e partilha com as Sereias a mesma genealogia, segundo Renato Mezan em “A Vingança da Esfinge”. A ameaça se volta contra o monstro-fêmea ávida de amor, e ela é engolida pelo abismo. A su-

gurança de não saber”. E se sua habilidade em construir teorias “lhe é útil para vencer a Esfinge e conquistar o trono, é também aquilo que o conduz à ruína, já que, sob a máscara do diálogo com o outro, aplica a si mesmo uma hipótese construída no registro do universal,

impedindo-se assim de descobrir sua própria singularidade”<sup>3</sup>.

Fausto é outra testemunha convocada com frequência para depor favoravelmente em relação à

“sua bem humana insaciabilidade”, revelando um traço de caráter desse personagem que é considerado, nada menos, que o ícone da atividade intelectual? A versão trágica

### **Bruxaria: arte, ciência e paciência**

Não por acaso o Professor protesta com veemência diante da exposição dos meios pelos quais Mefistófeles vai levá-lo a obter uma imagem melhorada de si. Diz o Diabo: “Só há um meio então: é à bruxa recorrer!”, e o conduz até a cozinha da maléfica, onde ela manipula suas receitas mágicas recitando fórmulas enigmáticas. Mas a aproximação da perversa provoca-lhe uma repulsa imediata. Resistência vigorosa que obriga Mefistófeles a esclarecer que um elo une a bruxa e sua ciência, pois um tempo de gestação é imprescindível ao preparado.

Medéia, a feiticeira de Eurípides que assassinou os filhos por vingança, lamentava possuir ciência em demasia. “Possuis a ciência, e, aliás, a nós, mulheres, a natureza fez impotentes para o bem, porém mais hábeis do que ninguém para manipular o mal”<sup>6</sup>.

No seu mundo virado do avesso, a bruxa desvia de suas funções os objetos que as mulheres utilizam. A vassoura serve-lhe para deixar a casa e voar para o *sabat*, onde vai devorar crianças num banquete cujo “mestre-de-cerimônias” é o Diabo. O caldeirão serve-lhe para cozer fetos, a fonte dos seus conhecimentos. Por causa de seu péssimo hábito de devorar recém-nascidos, milhares de bruxas foram mandadas à fogueira, inclusive pelas crianças nas estórias que os adultos contam, como no caso de Joãozinho e Maria, engordados na floresta pela feiticeira que alimentava planos de banqueteá-los.

O documento maior da hostilidade clerical à mulher é, para Delumeau, *De planctu ecclesiae* (1330), que teria subsidiado tudo o que o *Malleus* contém de mais misógino. Dentre os “vícios e más ações” da parceira do Diabo por ele enumerados, não poderia faltar sua conhecida predileção por devorar os frutos do próprio ventre. Já no

**M**edéia, a feiticeira de Eurípides que assassinou dois filhos por vingança, lamentava possuir ciência em demasia. No seu mundo virado do avesso, a bruxa desvia de suas funções os objetos que as mulheres utilizam.

natureza trágica e transgressora da atividade intelectual. Seu lamento inicial, ao cabo de uma vida inteiramente dedicada a conhecer, igualar-se-ia à cegueira do rei de Tebas em termos de autopunição. Depois de dedicar toda uma vida à investigação, o infeliz Professor descobre-se um grande ignorante, e lamenta: “Para que tanto estudo!”. Preso no seu “maldito covil”, uma “masmorra escura” na qual se enterra vivo sob livros devorados por traças e poeira, o herói de Goethe sonha em voar para as montanhas, libertando-se da “pesada cruz” da ciência.<sup>4</sup>

Seu sofrimento pareceria uma confirmação da tese do mensageiro de Eurípides. Depois de contar a Medéia os detalhes das mortes da rival e do pai provocadas por seus feitiços, ele é levado a concluir que os que se crêem sábios são também os mais atingidos pela loucura.

Pois bem: depois de toda uma vida consagrada a Logos, o pranto copioso não denunciaria uma voracidade sôfrega no ilustríssimo Professor? Não é esta a direção para a qual o Diabo aponta, referindo-se à

acentua a dor eclipsando o prazer de comer o fruto. Mas o infrator dos infratores vem repor as coisas nos seus lugares. Tentando dissuadir o Aluno que, tendo ido atrás do Professor está prestes a desistir, Mefistófeles diz:

“Isso depende mais de hábito, também

Recém-nato nos braços de sua mãe amua,

Recusa receber o leite que faz bem,

Mas logo com prazer o quer e se habitua;

Assim, também sucede em tetas da sapiência.

Há que sugá-las sempre e com maior veemência”<sup>5</sup>.

Explicando de que fonte os conhecimentos emanam, ele desfaz o disfarce usado pelo deslocamento e desobstrui a passagem que pode levar à origem da proibição que pesa sobre eles, e aos prazeres e angústias com os quais se conecta o trabalho do intelecto.

século XII um monge advertia os incautos em *De contemptu feminae*: diante dessa assassina dos próprios filhos, que trucidada, abandona e mata seus rebentos, “mulher pérfida, mulher fétida, mulher infecta”, urge recomendar: “foge dela, leitor”<sup>7</sup>.

Medéia já não era a confirmação dessas teses na Antigüidade pagã? “Malditas crianças de mãe odiosa, morram com seu pai!”, diz a feiticeira que leva Jasão a desejar: “Os mortais deviam ter seus filhos por outro meio qualquer. Não ha-

dormindo junto aos pais”, explicam-lhes as filhas do Maligno, os recém-nascidos são desenterrados e cozidos num caldeirão, fartando de conhecimento quem os engole. Uma vez que as crianças vêm à luz pelas perigosas mãos dessas mulheres portadoras de saber que são as parteiras, os autores da bíblia da Inquisição ainda consideram oportuno advertir várias vezes que são estas as mais maléficas.<sup>10</sup>

A Grécia Antiga também associava às feiticeiras essas mulheres

dem violar o tabu do incesto comendo criancinhas, não seria o caso de perguntar quem inveja o quê?

A esta altura deve estar claro que não me refiro ao incesto como a união genital entre o filho e um de seus progenitores, o que muda inteiramente a condição da sua interdição: “Aquilo que Freud descreveu como o ‘horror do incesto’ não provém de motivos morais, que condenariam a união sexual com a mãe. Pois o incesto do qual se tem horror não é a cópula genital com a mulher que nos deu à luz; se assim fosse, a mulher homossexual não seria habitada pelo horror do incesto. A vinculação genital com a mãe é uma figuração plástica e logicamente concebível do retorno ao ventre materno, isto é, da dessubjetivação e da morte; retornar ao ventre da mãe significa fundir-se com ela e deixar de existir como ser individuado”<sup>11</sup>.

Como na ameaça proferida pela mãe em *La cité des dames* de Cristina de Pisano (século XIV) que diz, levantando a parte da frente do vestido: “Queres fugir, meu filho! Então torna a entrar no ventre que te trouxe”. Ou em Urano que, por ódio aos filhos, devolveu-os ao interior de Gaia, que gemia sufocando.

Como se vê, não foi à toa que a humanidade de todos os tempos e lugares identificou feminino e antropofagia. Nessa associação determinada pelo inconsciente, a boca do útero é insaciável como o apetite do selvagem canibal. Em cada mulher se esconde uma bruxa. O apetite voraz da “mãe”, que é como as parteiras da Idade Média chamavam o útero, aponta para o laço privilegiado que o inconsciente de todos os tempos estabeleceu entre o feminino e os poderes ocultos da fecundidade. Um vínculo que tem sido simultaneamente atacado e celebrado desde a Antigüidade, em rituais que os *sabás* reeditaríamos.

Para alguns autores, os sabás perseguidos pela caça às bruxas seriam a sobrevivência de antigos

“Os mortais deviam ter seus filhos por outro meio qualquer. Não haveria mais mulheres, e os homens ficariam libertos desse flagelo!”, diz Medéia na peça grega.

veria mais mulheres e os homens ficariam libertos desse flagelo!”<sup>8</sup>.

As fontes jurídicas da época medieval atribuem o infanticídio especificamente às mulheres. Cerca de trinta por cento das crianças abaixo dos quatro anos morria vítima de acidentes fatais, e no século XV aumentam as acusações e julgamentos de mulheres infanticidas.<sup>9</sup>

“Algumas feiticeiras cozinhavam e comiam os próprios filhos pequenos”, contam os autores do *Malleus Maleficarum*. Pois é dessa ingestão de bebês que as bruxas criam seus conhecimentos. Depois de mortos pelos “nossos maléfícios” e por “nossas palavras mágicas nos próprios berços ou quando estão

sábias, cujo saber ajuda a criar vida, e que se tornariam o alvo preferido da Inquisição na Idade Média. Sendo a sabedoria uma marca da velhice, não surpreende que as mulheres velhas tenham sido particularmente suspeitas do crime de feitiçaria. Se a devoração dos bebês é a origem do seu saber, incestuosas são as fontes da sua sabedoria. Será por isso que a mulher que sabe muito continuaria infundindo temor ainda no século XIX?

Ora, segundo o *Malleus*, a inveja e a vingança são os móveis da feitiçaria. E para Freud nós sentimos inveja de quem violou um tabu, porque abrigamos e reprimimos os mesmos desejos. Se as bruxas po-

cultos pagãos da fertilidade. Como os que homenageavam *Diana*, a deusa da fecundidade cujos múltiplos seios nutrem os homens e a terra. E as *Tesmojórias* ou festas de *Deméter*, que celebravam a

dade e sua atividade mental. Já que a reprodução é seu destino, elas não podem aceder ao domínio da criação simbólica, ocupadas que devem estar em desempenhar seu inestimável papel na espécie. Médicos fran-

les que, de um modo ou de outro fecundaram a humanidade, a mulher é figura difícil. “Pensando bem no que fazem as mulheres, não se poderia afirmar que metade do gênero humano é parálitica e que apenas uma parte da nossa espécie desenvolve uma atividade?”, pergunta em 1662 o Padre du Bosc no seu *L'Honneste Femme*.

O mundo antigo já sabia que a mulher é um ser débil, marcado pela *imbecillitas* de sua natureza. A *Idade Média* também o repetiu à exaustão. O motivo da debilidade intelectual das imitadoras de Eva é o mesmo da existência de mais bruxas do que bruxos, dizem os autores do *Malleus* na *Questão VI*, quando examinam *Por que principalmente as mulheres se entregam às superstições diabólicas*. Explicam que “a mulher é mais carnal do que o homem” e acrescentam: “É convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepçiona a mente. Pois diz *Catão*: ‘Quando uma mulher chora, está a urdir uma cilada’. E prossegue: ‘Quando uma mulher chora, trabalha para enganar um homem’”<sup>12</sup>.

A “deficiência original em sua inteligência”, continuam, torna-as “mais propensas a abjurarem a fé” e é por isso que ela é chamada *femina*, que vem de *fe* e *minus*, significando que a mulher é “sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fé” na palavra de Deus. Além de estragar seu intelecto, a costela torta que lhe deu origem também danificou seus afetos e paixões, tornando-a um ser vingativo, seja por bruxaria ou por outro meio qualquer.

Ela é a vingativa, e mal-sucedida é a condição do ser feminino: afirmações que serão demonstra-

## Médicos franceses, ingleses e americanos insistem: a fuga da maternidade por parte das mulheres conduz ao “suicídio da raça”.

deusa que vela pela perpetuação dos cidadãos através da fecundidade das mulheres.

O nome da primeira mulher, Pandora, pertence à família do verbo dar, sendo ela ao mesmo tempo o “flagelo da humanidade” e “uma dádiva preciosa”. Gaia, Terra fértil, Terra Mãe, Natureza inesgotável, abundância que alimenta a humanidade, matriz da vida: são muitas as metáforas e divindades que identificam o feminino com a criação. Ou com a procriação, conforme preferem algumas feministas, que viram nessa associação intemporal o germe da dominação sexual.

Por causa dela, por exemplo, é que Mussolini pôde dizer: as mulheres nascem “para cuidar da casa, dar à luz e ter cornos”. Por causa dela, ainda, haveria uma hierarquia natural dos sexos, conforme Comte escreveu a *Stuart Mill* em 1843, o que teria provocado o rompimento de sua amizade. A inferioridade biológica das mulheres confirmava o velho antagonismo entre sua fertili-

ceses, ingleses e americanos insistiriam: a fuga das mulheres à maternidade conduz ao “suicídio da raça”.

E no entanto, essa associação do feminino com a criação o faz surgir como algo invejável, para além da negatividade da castração que o imobiliza na inveja do pênis. Ou da cabeça. Já que, corpo decapitado, ela é formosíssima como a *Vênus* mas sem cabeça como a mula...

### Salomé e a cabeça roubada

“Sou mulher, mas tenho cabeça para pensar”.

Aristófanês, *Lisístrata*

“As mulheres jamais fizeram coisa alguma de notável, exceto dormir com muitos homens e sugar-lhes o tutano intelectual”, disseram os irmãos *Goncourt*. Curioso paradoxo: na cultura não há lugar para a potência criadora do feminino. Na galeria dos grandes, daque-

das pela história do homem que procurava a mulher afogada no rio caminhando em sentido contrário ao da correnteza. Interrogado, ele explicou: enquanto viva esta mulher sempre fora contrária às suas ordens; morta, certamente conservaria o mesmo espírito de porco. Por isso ele a procurava na direção contrária.

“O que distingue a mulher é a fraqueza, ou melhor, a inércia de seu intelecto”, repetiria muito tempo depois Proudhon, o fundador do anarquismo francês. “Quando uma mulher exhibe interesses científicos, alguma coisa está desarranjada em sua sexualidade”, esclarece Nietzsche. Desnecessário multiplicar testemunhos para o que nunca escapou a homens e mulheres: “A mulher não tem cérebro; ela é um sexo, nada mais. Tem apenas um papel no universo: fazer amor”<sup>13</sup>.

Dançando como *Salomé*, rainha das bruxas e organizadora de *sabás*, a parálitica adquire algum movimento. Talvez nenhum outro mito condense, com tamanha eficácia simbólica, o gabarito oficial pelo qual a cultura mede a diferença sexual, cujo inventário dos bens inconscientes Freud começou a fazer. Decapitado por natureza, é só mediante o roubo e a sedução que o feminino (sanguinário) conquista uma cabeça (beatificada).

Para a autora de *A mulher que eles chamavam fatal*, nesse mito a mulher é um corpo que dança e o homem a cabeça, sede do intelecto, do pensamento e do gênio.

A feminização da carne faz do feminino o ser encarnado e natural, e se completa na afirmação da virilidade do ser espiritual, divino, cultural e racional. Deus, espírito, é governo do espírito.

Essa partilha, que marca tão profundamente a cultura, não significa apenas que a mulher é o corpo (paixões a serem domadas) do homem e o homem a cabeça (intelecto) da mulher. A virilização do espírito e da razão significa também

que a divindade é viril, a virilidade divina, e logos uma divindade. O espírito detém a exclusividade do poder da criação simbólica, devendo exterminar a carne e tudo o que possa evocá-la, como a imaginação e suas irmãs.

Esse é o anátema que pesa sobre o conhecimento das bruxas e,

“A mulher não  
tem cérebro, ela  
é um sexo, nada mais.  
Tem apenas  
um papel no universo:  
fazer amor,”  
diz Nietzsche num  
fragmento polêmico. Mas  
se a sapiência tem  
tetras, por que  
é Logos quem dá à luz?  
Inveja do pênis,  
inveja do seio, quem  
inveja o quê?

conseqüentemente, sobre a feiticeira metapsicologia. Ela está nos antípodas do saber divino de um Tírésias, por exemplo, que não pre-

cisava dos olhos para receber as mensagens dos deuses e fazer suas profecias. Para habitar entre os deuses, diz Sócrates no *Fédon*, a alma filosófica deve desprezar o corpo evitando deixar-se infectar por ele. Com Platão a filosofia tornar-se-ia uma prática de purificação que, mediante a abstinência dos prazeres e das sensações, conduziria a alma à verdade, escreveu Robin Schott em *Eros e os processos cognitivos*. Uma crítica da objetividade em filosofia.

Esse ascetismo é buscado pela investigação da Sabedoria divina, que difere de conhecimento (curiosidade), segundo Santo Agostinho, porque este tem origem nos demônios e é “desejo de conhecer tudo, por meio da carne”, sendo por isso chamado de “concupiscência dos olhos”, os sentidos mais aptos para conhecer.<sup>14</sup>

Ou concupiscência dos ouvidos, no caso da feiticeira metapsicologia, cujo aguçado apetite auditivo a leva a escutar pouco mais do pretendido pela consciência religiosa e filosófica desses ascetas. Frente à sua arte encantatória o inconsciente se trai, a metamorfose acontece: o Deus de Agostinho transforma-se, inteiro, num seio que *fecunda* sua inteligência; o espírito de Platão *concebe* o pensamento, e Schopenhauer *dá à luz O mundo como vontade e representação*.

Ora, se a sapiência tem tetras, por que é Logos quem dá à luz? Inveja do pênis, inveja do seio, quem inveja o quê?

Na cozinha da bruxa a diferença sexual revela-se fronteira viva, fronteira de tensão, que conforme o *Aurélio* é aquela que resulta de uma lenta evolução histórica, sendo fixada por meio de choques e lutas armadas. Ao contrário do que possa parecer, aceitar o igual é tão difícil quanto conviver com o diferente. Ambos nos desafiam a tal ponto que ganham, com Renato Mezan, um lugar na gênese metapsicológica da inveja.

## A inferioridade das mulheres, ou como Deus quis evitar a inveja do feminino

“Nasci sem ter passado por ventre materno”

Atena, nas *Eumênides*

A *História Verdadeira* começa na Lua, num mundo sem mulheres onde moram os Selenitas, conta Luciano de Samosata, escritor grego do século II da era cristã. Nesta “idade de ouro” os homens concebem sozinhos na barriga da perna que se chama “*gâster*” – como o útero – e “não devem o seu nascimento a mulheres, mas a machos”, “e o próprio nome de mulher lhes é absolutamente desconhecido”. Eles “trazem as crianças não no ventre mas na barriga das pernas. Quando ela concebeu, a perna engorda; chegado o tempo, fazem uma incisão e retiram uma criança morta, a quem restituem a vida expondo-a ao vento, de boca aberta”<sup>15</sup>.

Atena, deusa da guerra e da razão, é a única entre os Olímpicos que não possui mãe, observa Mircea Eliade em *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Hesíodo narra na *Teogonia* que Zeus engoliu sua mulher grávida, Métis, deusa da inteligência, e uma forte dor de cabeça pôs fim ao período de gestação-digestão. Auxiliado por Hefesto, o deus-ferreiro que lhe abriu uma fenda na cabeça, Zeus pariu Atena assim viril, conforme suas palavras nas *Eumênides*: “Nasci sem ter passado por ventre materno, e estou totalmente do lado do Pai”. Nasci de um deus, nada devo à feminilidade.

Apolo também o diz, nessa mesma tragédia de Ésquilo: o filho não é gerado pela mãe, mas pelo homem que a fecunda; este é o criador do ser que ela apenas guarda como uma estranha.

De Homero (século VIII antes da nossa era) a Galeno (século II da nossa era), passando por Hipócrates, Aristóteles e Platão, atravessando a Idade Média e chegan-

do até o século XX, a mulher é um macho incompleto, mutilado, um defeito, que para muitos não tem função procriadora ativa. Só existe um sexo e sua deformação. A sede desta deformidade, também chamada feminilidade, é o útero devorador, que pode consumir a mulher como ocorre na histeria: sua origem é a fome insaciável da “mãe”, moti-

das fezes”, atira Santo Agostinho. Com a mesma repulsa, Tertuliano evoca “as náuseas das mulheres grávidas, os seios caídos e as crianças que berram” e Santo Ambrósio observa que a maternidade só traz dores e aborrecimentos. Tanta sujeira exige uma purificação pós-parto, além da proibição da comunhão às mulheres grávidas e menstruadas.

Será por acaso que a punição divina escolhe como alvo justamente a natureza criadora de Eva e de suas imitadoras, amaldiçoadas com as dores do parto?

vo pelo qual a mulher é um ser naturalmente inferior.

Viria daí o desinteresse pela maternidade na arte grega apontado por François Lissarrague, que só encontrou *uma* cena de parto nos vasos atenienses dos séculos VI e V a.C., e que casualmente é a de Zeus parindo Atena pela cabeça?

Louise Bourgeois, parteira de Maria de Médicis, explica por que é necessário que as mulheres sejam inferiores: caso elas fossem saudáveis de corpo e de espírito como os homens, eles as invejariam. “Deus quis que elas fossem inferiores nisso, para obviar à inveja que um sexo poderia sentir em relação ao outro”<sup>16</sup>.

Deve ser por isso que, além de impotentes para gerar, tudo o que remete à vida que elas *não* podem criar é sujo e não tem o menor valor. “Nascemos no meio da urina e

Será por acaso que a punição divina escolhe como alvo justamente, a natureza criadora de Eva e suas imitadoras, amaldiçoadas com as dores do parto? “Eu multiplicarei os sofrimentos das tuas gravidezes, no sofrimento darás à luz os teus filhos”. Sofrimento, é bom lembrar, execrado já por Medéia: “Eu preferiria tomar parte em três combates a dar à luz uma só vez”.

Do tiroteio disparado contra a vida fértil da mulher, claro que seu fruto não sairia incólume. Criatura diabólica, será perseguida às claras até o início dos tempos modernos, quando a escolarização da infância virá purificá-la, colocando Édipo de quarentena para isolar o mal que portaria. Desde então o sacerdócio pedagógico será encarregado de transmitir a palavra sagrada de Logos, ou do conhecimento desencarnado da Ciência.

## Se a sapiência tem tetas, por que é Logos quem dá à luz?

Reunidas por Aristófanes no templo das *Tesmofórias* em *Só para Mulheres*, estas deliberam sobre a morte do “flagelo das mulheres chamado Eurípides”, o que leva o criador da *Medéia* a lamentar: só “porque mostro quem são elas e falo mal delas em minhas tragédias”. Depois que a primeira mulher expõe sua revolta contra as injúrias e calúnias lançadas por ele sobre as mulheres, o coro feminino (parábase) da comédia resume nossa edipiana tragédia, cativos que fomos todos dessa mulher-megera-mãe: “Sem dúvida há quem fale mal da raça feminina” dizendo que somos um flagelo para os homens e a origem de todos os males. “Mas vejamos: se somos realmente um flagelo, por que vocês se casam conosco e não nos deixam sair, e nos proíbem de ficar na janela com a cabeça pendurada para fora, e se empenham tanto em querer as pestes junto a vocês?”<sup>17</sup>

Não é esse o menor desafio da nossa humana condição, a exigir que cada um encontre meios de lidar, ou se livrar, do cativo do cordão umbilical. Pois bem: se pensar é dar à luz e ser dado à luz, sugar e ser sugado, então a avenida intelectual leva-nos perto demais da peste. De fato, e essas raízes inconscientes e incestuosas do ato epistemológico podem fazer com que ele se decida num ataque matricida como o de Édipo, cuja violência do intelecto esmaga a potência feminina. Esta é a sua tragédia. Mas a Esfinge se vinga. “Teórico do universal, Édipo é cego para o enigma de seu próprio ser”<sup>18</sup>.

Cego... de inveja?

Renato Mezan formula uma *metapsicologia da inveja*, conectando-a com o *narcisismo* (idealização, olhar, agressividade), desdobrando-a numa vertente de *impulso* e noutra de *defesa*, atribuindo-lhe além de um *objeto*, sempre imaginário ou fantástico, um

*suporte* empírico e, finalmente, situando-a como uma reação à percepção da diferença, da alteridade, da finitude. E, pois, da nossa humana imperfeição.

O objeto da inveja é o estado de completude que o invejoso imagina poder ser atingido caso arranque ao outro o privilégio invejado (o seio, o pênis, o bebê, o saber). Diante de algo que é do outro percebo a falta em mim, que faz surgir o desejo de plenitude, de onipotência ou fusão narcísica, seguido do impulso contrário: a inveja é uma formação de compromisso entre o desejo incestuoso e o horror do incesto. Por isso, dirá Mezan, o olhar é tão importante na sua economia. Por meio dos olhos o invejoso põe para dentro o que inveja e o mantém fora. O próprio da inveja é perseguir algo que é do outro pois, sendo do outro, é o índice de uma diferença, de um limite ou intervalo.

Ora, não foi para esta visão da alteridade que o rei sábio fechou os olhos? Dupla alteridade, já que a maternidade descoberta de Jocasta, determinante de sua posição de filho, aponta para a diferença de gerações e, como o invejável canto da Esfinge, para a diferença sexual. A feminilidade é esmagada pelo saber matricida que a Razão divinizada figura. Em Édipo, como em Atena, o pensamento reúne as características desse momento da descoberta da diferença sexual que Freud chamou de fase fálica, cuja peculiar lógica da exclusão não reconhece a existência da feminilidade, mas tão somente o fálico e o castrado. Ao que parece, nem os deuses lhe escapam.

Destruir a potência feminina é uma particularidade da *Fúria* invejosa – a Megera – para quem o insuportável é a fecundidade, em sua capacidade de suscitar o medo da devoração incestuosa, e o desejo de se apropriar de uma fonte idealizada como inesgotável, encarnada pela sedutora perversa.

Do céu, do inferno ou do Olimpo, é o saber incestuoso e

matricida que os deuses interditam, apropriando-se onipotentemente da criação. É por esse meio que se tornam os únicos capazes de engendrar (uma sabedoria purificada). A assepsia invejosa é um invejável privilégio divino. Quanto a nós, simples mortais, temos que nos contentar com o conhecimento imperfeito que a carne fornece, sensível aos não menos invejáveis encantos das Sereias pelos quais se deixa enfeitiçar e que nos afastam dos templos do Saber divino. Essa diferença revela-se capital no contexto de uma formação, tanto faz se do analista, do professor ou de uma criança. Não estaria mais conforme ao nosso tamanho juntar-nos a Freud no sabá da feiticeira metapsicologia que, sob a luz discriminadora de logos ou o archote de Lúcifer, *recicla o lixo refugado pelos ascetas?* ■

## NOTAS

1. Jean-Jacques Rousseau, *Emílio*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, p. 9, 16 e 24.
2. Citado por J. Delumeau, *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 310.
3. Renato Mezan, in *A Vingança da Esfinge*, São Paulo, Brasiliense, 1988, pp. 152-153.
4. J. W. Goethe, *Fausto*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, “Noite”.
5. J. W. Goethe, *op. cit.*, “No Gabinete de estudos”.
6. Eurípides, *op. cit.*, pp. 177-178.
7. Cf. Delumeau, *op. cit.*, pp. 325-326.
8. Eurípides, *op. cit.*, p. 182.
9. C. Opitz, “O cotidiano da mulher no final da Idade Média”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Porto, Ed. Afrontamento, 1993, vol. II, p. 388.
10. H. Kramer e J. Sprenger, *Malleus Maleficarum*, Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 217-218 e 155-156.
11. R. Mezan, “A Inveja”, in *Os Sentidos da paixão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 137.
12. H. Kramer e J. Sprenger, *op. cit.*, p. 116.
13. Peter Gay, *O Cultivo do Ódio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 307; também *A Paixão Terna*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 78.
14. Santo Agostinho, *Confissões*, Abril Cultural, *Os Pensadores*, 1980, X, 35.
15. A. Rousselle, “A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma”, *História das Mulheres no Ocidente*, vol. I, p. 351; para a análise dos vasos atenienses a seguir, ver “A figuração das mulheres”, pp. 231-232.
16. Citado por Évelyne Berriot-Salvadore, “O discurso da medicina e da ciência”, in *História das Mulheres no Ocidente*, vol. III, p. 423.
17. Aristófanes, *Só para mulheres*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.